

Leituras



## Antes do nada

Patricia Vianna Getlinger<sup>1</sup>

Depois de mais de uma hora de filme, o personagem Johnny Marco dá nome à sensação angustiante que desde o início perturba o espectador: “Eu sou um nada! Não chego nem a ser uma pessoa...”. Ele chega a essa conclusão depois de casualmente conviver por alguns dias com sua filha de 11 anos e de ouvir de sua boca que ele nunca está por perto.

No filme *Um lugar qualquer*, de Sofia Coppola (2010), Johnny nunca está por perto, realmente. Nem por perto da filha e nem dele mesmo ou de qualquer outra pessoa. Ele está longe de ser uma pessoa e de ter algum contato consigo mesmo, como finalmente percebe. E para convencer o espectador disso, Sofia Coppola capricha no tom *blasé*, vazio, sem sentido da vida do personagem. A partir de uma dura crítica ao mundo das celebridades de Hollywood, que ela conhece de dentro, a cineasta transforma seu personagem em uma caricatura inverossímil de si próprio. Com efeito, um ator badalado e premiado internacionalmente poderia ser perturbado, difícil, desconectado, incompreendido, ou até dependente de substâncias que alteram sua conduta e sua personalidade e podem deixá-lo irascível ou apagado, passível de se tornar um fantoche de si mesmo. Mas não parece ser possível que ele chegue a ser, de modo tão absoluto, esse abobado menino perdido, coordenado sem questionamento por sua agente e levado inerte por seu motorista aos compromissos mais cretinos, sem ter a mínima noção do que está fazendo e sem poder “encarnar” minimamente o ator internacional que incidentalmente ele é. A cena principal nesse sentido é sua ida ao estúdio de efeitos especiais, em que sem aviso ou explicação prévia, ele é submetido a uma gosma branca, fria e grudenta que cobre todo o seu rosto e deixa somente as narinas descobertas durante quarenta minutos. Ele “sai” desse processo transformado nele mesmo cinquenta anos mais velho, mas olha para si com o mesmo desinteresse e a mesma monótona expressão “Jesus!” dita no tom desinvestido que demonstra por tudo a sua volta. A outra expressão frequente que ele utiliza para posicionar-se sobre qualquer assunto e mesmo para responder à entrevista coletiva de lançamento do filme em que atua é “legal!” (*cool*). Aqueles que estão à sua volta tratam-no como uma criança e paparicam-no excessivamente quando ele posa para a foto de lançamento, concede a entrevista coletiva ou recebe o prêmio da televisão italiana. À exceção dos fãs, que o admiram à distância, os que estão mais próximos

---

1 Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

e conhecem-no melhor, desprezam-no por sua postura infantilizada e suas atitudes adolescentes.

Mas sua filha Cléo aparece para passar um período com ele. Uma presença vibrante, real, que apesar de perceber o contexto de vida de seu pai, o vê de modo diferente de todos os outros que estão perto dele. Em muitos aspectos a filha de onze anos é mais madura do que o pai. Ela preocupa-se com os horários, sabe cozinhar, escolhe seus próprios compromissos. Ela demonstra pelo olhar e pelas expressões faciais ter crítica sobre o modo de vida do pai e sobre as pessoas que o cercam. Ela parece perceber que o interesse que essas pessoas nutrem pelo seu pai é falsamente festivo e meramente interesseiro, e tem noção de que o pai vive em um registro alienado da realidade (ele pergunta à filha por que ela não está na escola e ela lhe responde que é domingo). Ela é autêntica, coisa que ele está muito longe de ser. E por isso mesmo, ela traz em si a graça de uma menina de onze anos, quase criança quase moça, mais criança do que moça. Ela faz lição, ri alto, faz piruetas na piscina, usa aparelho de dentes móvel, sente sono à noite, chora por não saber quando a mãe irá retornar.

Inicialmente, Johnny parece imune a qualquer relação íntima, mesmo com sua filha. Com o grau de desconexão que ele tem de si, essa imunidade não parece estranha ao espectador, que acompanha a construção do vazio existencial do personagem. Mas a experiência do cotidiano com Cléo, vivida quase sem palavras, reacende algo adormecido nele. Ele torna-se vivo na presença dela, ou mais precisamente por meio dela. Ela o acompanha em sua rotina vazia de celebridade, mas quando estão juntos eles riem, disputam jogos interativos no computador, ouvem música, descansam ao sol, brincam na piscina e, em uma das cenas mais poéticas do filme, “tomam chá embaixo d’água”.

Mas não me parece que ela o resgate do vácuo absurdo de sua vida apenas por ser sua filha. Não acho que seja em função do convite ao papel de pai que se dê o questionamento de Johnny sobre o sentido de sua vida (ou sobre a falta dele). E isso, porque ele não é pai, ele meramente gerou uma criança. Esse fato isolado não o fez transpor a sua posição infantilizada, pois vemos ao longo do filme uma criança mimada alternando com um adolescente esvaziado. E no contato com Cléo ele tampouco se torna pai. Não tem postura de adulto, não cuida da filha como adulto ou tem contato adulto com ela. Não é como adulto que Johnny é convidado a “comparecer” no contato com Cléo. Ele pertence à mesma geração que sua filha e assim se mantém durante todo o filme.

O fato de ser um encontro entre pai e filha cria, por outro lado, um clima afetivo importante. Um clima que torna Johnny vulnerável a uma interferência diferente, não como as que o transformam em um fantoche nas mãos de agentes, mas uma presença real, uma criança autêntica, verdadeiramente interessada nele. E as crianças costumeiramente convidam ao jogo. A criança resgata a vida infantil que há na outra

criança por meio da experiência do brincar junto. É a criança autêntica e os aspectos infantis vivos que são “acordados” em Johnny no contato íntimo com sua filha de onze anos. Algo da criança estava apagado, soterrado por um papel de celebridade adulta insustentável para ele – o que paradoxalmente fazia com que ele fosse a caricatura da própria infantilidade. É esse aspecto que reacende e permite com que ele questione o fantoche em que tinha se transformado.

O final do filme é tão vazio e melancólico quanto o início, pois a descoberta de que sua vida era estúpida e de que restava pouco de si, não deixam Johnny preenchido. Por outro lado, visitar a criança em si por meio de sua filha o fez deixar o hotel-caricatura que mantinha como casa e abandonar na estrada o carro-caricatura que costumava transportá-lo do nada a lugar nenhum. Para refazer o percurso interno da criança ao adulto, é necessário esvaziar-se das caricaturas. As relações e os elementos mais vivos e autênticos são trabalhosos, assim como é o desenvolvimento. Deste modo, embora ele caminhe para “um lugar qualquer”, seguimos imaginando que ele poderá chegar a “algum lugar”.

Patricia Vianna Getlinger  
Al. Lorena, 1304/608 | Jardim Paulista  
01424-001 São Paulo, SP  
Tel: 11 3064-2339  
pgetlinger@uol.com.br

